

Ilustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Ilustração Portuguesa

ANNO.....	48000	ANNO.....	88000	TRIMESTRE.....	28000
SEMESTRE.....	28400	SEMESTRE.....	48000	MEZ (em Lisboa).....	700
TRIMESTRE.....	18200				

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE LITHOGRAPHIA E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43

A CEM METROS DO THRÔNÔ



Summario

Capa: NA PONTE DO SUL E SUESTE (Cliche de Benoit) * Texto: O ATTENTADO DE 1 DE FEVEREIRO, 22 illust. * A FERRO E FOGO: OS PRESOS POLITICOS, 7 illust. * ALTO CLERO, 4 illust. * UM POETA FIDALGO, 34 illust. * COMO NÓS VENCEMOS NO CUAMATO, 17 illust. * A CORTE EM VILLA VICOSA, 9 illust. * HOMENAGEM AO CONDE DE FONTALVA, 4 illust. * UM QUADRO DO PINTOR SALGADO, 1 illust. * UMA EXCURSÃO SPORTIVA A MADEIRA, 4 illust. * * * * *

LOCAO DEQUEANT

**CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS**

Único producto científico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo.
L. DEQUEANT, Pharmacien 38, Rue Clichoncourt, Paris
Em LISBOA, 12, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.
A VENDA EM TODAS AS BOMAS CASAS DO PORTUGAL.

L'Épil'vite L'Épil'vite

**CREMA
EPILATORIA**
prompta e sem emprego.
Resultado garantido.
Agradavelmente
parfumada, dissolve
instantaneamente
as pennungenas desengraçadas, a barba, os pelos os
mais duros do rosto e do corpo. — Não produz
borbulhas, não irrita a pelle a mais delgada, e
N. A. GRAZIANI, Pharm. de 1ª classe, 63 Rue Rambuteau, Paris.
Agente de Portugal: C. URIEL & DEL. G. NT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre
chiromante e physionomista da Europa

Madame BROUILLARD



Do prez-
o fu-
cidade
incom-
vactici-
estudo
s scien-
mancias,
chronologia e physionomia
e pelas applicações
práticas das theorias de Gall,
Lavater, Desbarrolles Lam-
broze, d'Arpenligny, Mad-
ame Brouillard tem percorrido
as principaes cidades da Eu-
ropa e America, onde foi
admirada peos numerosos
clientes da mais alta cathe-
goria, a quem predisse a
queda do Imperio e todos os
acontecimentos que se lhe
m. Fala portuguez,
inguez, allemão, ita-
e hespanhol.

POVS

Dá consultas diarias
11 da noite e
43, RUA DO CARM
Consultas a 1.000 rs

da manhã ás
binoto:
joja—LISBOA
e 5.000 rs.

Discos SIMPLEX

De double face, os melhores pela sua ni-
tidez e duração contendo o mais variado
e moderno repertorio em musica e canto
dos melhores auctores nacionaes e ex-
trangeiros. Marca registada, propriedade
exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. ♣
Preços excepcionaes e grandes descontos
para a venda no Brazil e colonias portu-
guezas. ♣ Grande deposito de discos
e machinas falantes. ♣ FEDIR CA-
TALOGOS a

J. CASTELLO BRANCO

R. de Santo Antão, 32, 34 e 82
LISBOA

ALIMENTO DELICIOSO!

BANANINE MIALHE

Farinha de Bananas esterilizada chocolatada e phosphatada
Recomendada aos estomagos delicados
CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS
Pharmacia del Dr. MIALHE,
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
8, rue Favart, PARIS

ESGROFULA :: CHLORO-ANEMIA

Authenticas (de Paris)

PILULAS DE BLANCARD

Exigir o verdadeiro Producto
(assinatura, etiqueta verde, e endereço)

XAROPE DE BLANCARD

40, Rue Bonaparte, Paris (FRANCE).

LYMPHATISMO :: DEBILIDADE

Nestlé Farinha lactea

PREÇO 400 RÉIS

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agri-
cola de Lisboa

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica
que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro
diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs.,
brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas
a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro
de lei. ♣ ♣ ♣ Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

O ATTENTADO DE 1 DE FEVEREIRO



O local do attentado



Na Morgue:
O professor primário Manuel dos Reis da Silva Buica, natural de Bancoaes, freguesia do distrito de Villa Real, que atirou contra o Príncipe Real.

Os outros dois mortos: Alfredo Lutz Costa, caixeiro, de 22 annos de idade, natural da villa de Casvel, no concelho de Castro Verde, que atirou contra El-rei e João Sabino da Costa, official de ou-rives, de 21 annos, natural do Funchal, assassinado, innocente, pela policia.



O DESEMBARQUE NO TERREIRO DO PAÇO



*Jorge Colaço, Marcos Zagur, conde de Arnoso, Isaac A. Levy, infante D. Manuel, Malaquias de Lemos,
D. Antonio de Noronha (Paraty) e conde da Guarda
—D. Antonio Lavradio, Espirito Santo Lima, conde de Monte Real, conde de Mesquitella e conselheiro Ayres d'Ornellas*



A CEM PASSOS DA MORTE



*Antonio Serrão Franco e conselheiro Luciano Monteiro—D. José de Mello (Subgosa), tenente coronel Alfredo Albuquerque,
conde de Castro, capitão Roçadas e conde de Mesquitella*

LEX

D. MANUEL II
REI DE PORTUGAL

LEX

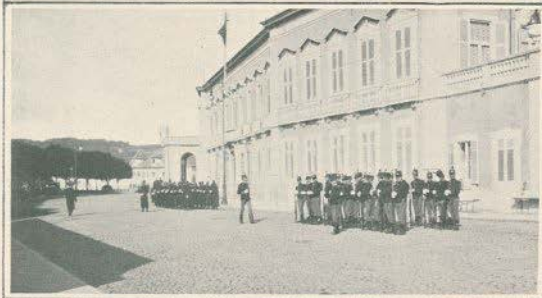


Manuel de Bragança
29. 3. 1908

MANUEL MARIA FILIPPE CARLOS AMELIO
LUIZ MIGUEL RAPHAEL GABRIEL GONZAGA XAVIER
FRANCISCO D'ASSIS EUGENIO DE BRAGANÇA
NASCIDO EM 15 DE NOVEMBRO DE 1889 E PROCLAMADO REI
DE PORTUGAL EM 1 DE FEVEREIRO DE 1908

(CLICHÉ BOBONE)

O PACO DAS NECESSIDADES GUARDADO PELAS TROPAS



A família real decidira regressar de Villa Viçosa no dia 1 de fevereiro, após a longa demora que ali tivera, e que evidentemente fora prolongada proposadamente, por causa das dificuldades da situação política e estado de tensão excepcional dos espiritos.

O desembarque devia realizar-se em Lisboa às 4 horas e um quarto da tarde, mas, devido ao facto do comboio real ter accidentalmente descarrilado em Casa



Branca, o vapor *D. Luiz*, conduzindo el-rei D. Carlos, a rainha D. Amélia e o príncipe real, só atracou à ponte do Terreiro do Paço uma hora e cinco minutos depois.

Recebidos os cumprimentos do estylo, os tres viajantes, acompanhados do sr. infante D. Manuel, que fôra aguardar seus augustos paes e irmão, tomaram logar em uma carruagem da casa real, que esperava à porta da estação e se poz logo em marcha seguindo por aquelle lado do Terreiro do Paço em direcção á rua do Arsenal.

Quando o trem passava em frente do ultimo arco da arcada do ministerio da fazenda, alguns individuos, que se destacavam do grupo do povo aglomerado, avançaram na sua direcção, e dispararam sobre el-rei e sobre o príncipe varios tiros de revolver e de carabina, ficando ambos feridos mortalmente, e expirando o sr. D. Carlos na mesma occasião e o sr. D. Luiz Filippe quando a carruagem entrava a porta do Arsenal.

Os principaes auctores do attentado foram na mesma occasião mortos á cutilada e tiro pela policia.



Diversos aspectos do largo das Necessidades

OS PESAMES À FAMÍLIA REAL



General Francisco Maria da Cunha—Commandante da força da municipal, major Wadington, contra-almirante Guilherme Capello—Cardel Nello, patriarca resignatario de Lisboa, com frei Antonio do Presépio e monsenhor Carlos Costa—Marquez de Gouveia e ministro de Italia—Conde de S. Lourenço—O Nuncio apostolico

(CLICHÉS DE BENJELIÉ)

A FERRO E FOGO

OS PRESOS POLITICOS



Dr. Antonio José d'Almeida
Médico e deputado da Nação



Dr. João Pinto das Santas
Advogado e Deputado



Dr. Affonso Costa
Lente da Universidade e Deputado

Nos últimos dias que teve de existência o governo franquista foram realizadas, conforme é conhecido, diversas prisões violentas de homens preponderantes dos partidos republicano e dissidente, que os jornaes governamentais—unicos a quem, no regimen de odiosa excepção estabelecido para a imprensa, era permitido dar noticias sobre o assumpto, accusaram de tramam conspirações, que eram pintadas como tenebrosas, contra a segurança do Estado e até independência do paiz.

Todos esses homens foram conservados arbitrariamente



João Chagas
Jornalista

detidos e incomunicaveis, sem culpa formada, e sem respeito pelas immunidades parlamentares, a que, na sua qualidade de deputados da nação, alguns d'elles tinham inviolavel direito. Foi para elles que se fez o decreto absolutamente illegal e odiento que tão imprudentemente e com tão incomprehensivel urgencia foi levado a Villa Viçosa, para a assignatura régia, na propria vespera do dia do regresso do soberano a Lisboa. A *Illustração Portuguesa* publica hoje os retratos dos principaes politicos que se achavam incluídos no numero d'aquelles presos.



Visconde da Ribeira Brava
Antigo Deputado da Nação



Visconde de Pedralva
Agronomo e antigo Deputado



Dr. Egas Montz
Lente da Universidade e antigo Deputado

ALTO CLERO

A SAGRAÇÃO DO BISPO DE MARTINOPOLIS



Antes da sagração: o cortejo a caminho da igreja

RREALISOU-SE, no dia 26 do mez passado, no Sardoal, a cerimonia da sagração do prelado coadjutor de Vizeu D. Antonio Alves Ferreira, bispo titular de Martinopolis.

A festa teve uma grande imponencia, estando a igreja ricamente ornamentada e sendo extra-

ordinario o concurso de assistencia. Depois da cerimonia religiosa, o novo bispo foi acompanhado até á sua residencia por um enorme cortejo de gente. A' noite houve illuminações e descantes populares.



Panorama parcial da villa do Sardoal (lado occidental)



Depois da sagração: regresso da igreja



*Palácio pertencente á familia Leal, na rua Serpa Pinto (Sardoal), onde se effectuou o jantar
eferecido pelo bispo D. Antonio Alves Ferreira*

(CLICHÉS DE F. DIONISIO)

UM POETA FIDALGO



UM POETA FIDALGO ❀ A TORRE DE PRATA DOS CAMARÁS DE LOBOS ❀ UMA ASCENDÊNCIA SUMPTUOSA ❀ COMO JOÃO DA CAMARA TERIA SIDO FRADE ❀ FREI JOÃO D^{na} NOSSA SENHORA ❀ MYSTICISMO E AMOR DOS HUMILDES ❀ A OBRA DO MYSTICO: MEIA NOITE ❀ A OBRA DO HUMILDE: A TRILOGIA ❀ A OBRA DO FIDALGO: D. FEAS.

«Em campo verde uma torre de prata sentada sobre um monte de sua côr, com um coruchêo d'oiro e uma cruz no remate sobre o mesmo metal, entre dois lobos de sua côr arriados á torre...»

Este, não, que não teve de inventar um braço como Garrett. Era nobre como os mais nobres, fidalgo como os mais fidalgos, e se quizesse, como o divino poeta do *Retrato de Venus*, mandar gravar a Londres um sinete d'armas,—tinha a torre de prata dos Camaras de Lobos a afirmar-lhe, nos tombos de familia e no *Livro do Armeiro Mór*, a sua nobreza secular. E entretanto, se alguém de repente lhe perguntasse quaes eram as côres e os metaes do seu braço,—elle, o querido poeta, o grande distraído, o eterno despreoccupado, talvez o não soubesse.

Descendentes dos Donatarios e senhores de Ponta Delgada e de Villa Franca, dos



D. João da Camara (1907).
(PHOT. VIDAL & PONSERCA).

commendadores de Ervagem e de S. Pedro de Mugem, com uma ascendencia sumptuosa de embaixadores e de ministros, de alcaides-môres e de ouvidores geraes, filho e neto dos marquezes e condes da Ribeira, com *Dom de jure* e sangue real pelo cruzamento com a estirpe illustre de Lafões,—o grande poeta morto, como alguns filhos segundos e terceiros das velhas casas nobres, aberrações de humildade destinadas a povoar as cellas



Uma scena da «Rosa Engatada»

(PHOT. FERNANDES).



Antonio G. Z. da Camara,
João G. Z. da Camara,
em 1863, (Cam-
poldre)

dos conventos de mendicantes, desprendido de mundanidades e de grandezas, teria sido frade se ainda houvesse frades, e sentir-se-hia feliz, immensamente feliz, amortalhado no escapulario dominicano de Frei Luiz de Sousa ou no burel capucho de Frei Agostinho da Cruz. Era por natureza um simples, um contemplativo, um religioso. Ferrosamente christão, á maneira sombria e piedosa dos velhos fidalgos portuguezes, estendeu, como Huysmans, á sua litteratura, a feição subtilmente catholica do seu espirito. A caracteristica ancestral da sua ascendencia fidalga, a «costella d'oiro», manifestava-se n'elle apenas pela extrema religiosidade, — uma religiosidade grave, taciturna, solemne, especial, como de quem, pelo direito do sangue, tivesse o privilegio de ajoelhar mais perto de Deus. De resto, ninguem suspeitaria n'essa figura simples, despreocupada, inculca e quasi plebêa no aspecto, um Camara de Lobos, descendente dos sumptuosos alcaides de S. Braz. A sua natural e instintiva attracção pelo povo, pelos pobres, fazia d'elle um fidalgo á maneira do Marquez d'Angeja ou de D. Caetano de Bragança, — desprendido, como qualquer d'elles, de todos os preconceitos de sangue e de raça, capaz, como o primeiro, de beber pelo cangirão dos trabalhadores da quinta, ou, como o segundo, de pôr um barrete vermelho com os preceitos de um campino do Ribatejo. Podia ter ficado celebre

por picar toiros, como o Marquez de Castello Melhor, ou por



D. João da Camara com sua esposa e filhos

(Grupo tirado em Torres Vedras no claustro do convento da Graça, em junho de 1887.)



cantar o tado, como o conde da Anadia mas não;—o seu feitiço de filho terceiro de casa nobre impeli-o para as letras, para a religião, para o estudo, para o recolhimento humilde de uma cela,—e foi poeta porque não poudeser frade, e (elle proprio o disse a quem escreve estas linhas) chamou-se no seculo D. João Zarco da Camara, por não ter podido chamar-se na religião Frei João de Nossa Senhora.]

Estas duas características fundamentais da mentalidade do grande poeta morto documenta-as largamente a sua obra: as tendencias mysticas, a religiosidade sombria e complexa, lá estão no

Auto do menino Jesus e n'essa filha dilecta da Cathedral de Huysmans,—a *Meia noite*; do amor plebeu pelos simples e pelos humildes são documento bastante a *Rosa enfeitada* e a bella trilogia, infelizmente incompleta, de que fazem parte *Os velhos*, a *Triste viuvinha* e as *Comadres de Panoias*. O fidalgo, na resurreição da antiga nobreza de raça, uma unica vez surge na obra de D. João da Camara,—mas d'essa vez bem clara, bem luminosa, bem rasgada-

mente:—no «D. Fuas do Alcegaer-Kibir. Só um verdadeiro e authentico fidalgo poderia conceber e realisar semelhante criação,—que é um monumento. É atravez essa figura cavalheiresca e nobilissima, de cráneo tonsurado á Filipe II, gibão de camurça, golla de Flandres e acicatos d'oiro, ao mesmo tempo galante e heroica, que pela primeira e unica vez se distingue, na obra do grande poeta desaparecido,—em

o campo verde, sentada sobre monte de sua côr, a torre de prata dos Camaras de Lobos,—marquezes da Ribeira, condes de Villa Franca, dona-

tarios e senhores de S. Miguel, embaixadores, ministros, alcaides-móres e ouvidores geraes...

A MOCIDADE E TRES

POETAS AMIGOS:

- JOÃO DA CAMARA, MACEDO PAPANÇA E CESARIO VERDE
- O POETA E A MATHEMATICA
- UMA CREATURA PHILOSOFICA E MYSTERIOSA
- POESIA E TRISECÇÃO DO ANGULO
- OS MANUSCRITOS
- AS ABSTRACTÕES ALGEBRICAS E AS PERSONAGENS DA MEIA NOITE
- UM INADAPTADO
- A VISÃO DO JUÍZO FINAL



Eminentemente arthritico, minado pelos estragos d'uma nephrite chronica, D. João da Camara, que na ultima quadra da sua vida se tornára pesado, lento, obeso, e cuja barba negra, revolta, quasi barbarica, começava a pratear aqui e acolá, fora em tempo, nos seus 20 annos, um galante e lindo moço. Quando voltou de Louvain, trigueiro, desempenado, beiços grossos, cabelo crespo e abundante, olhos cheios de brilho e de raça, parecia-se immenso com o Antonio de Macedo Papança, outro grande poeta, hoje conde

de Monsaraz. A semelhança era de tal ordem que os proprios amigos os confundiam. Era vulgar, quando o poeta das «Crepusculares», na força da mocidade e do talento, descia o Chiado, de jaqueta d'alamares á alemtejana, calça de belbuté e espora de prata, chamarem-no de repente, com amaior familiaridade: «O João Ribeira!» Outro tanto succedia ao poeta do *D. Afonso VI*: punha o chapéu, atravessava a rua, e era logo a tocarem-lhe no hombro:—«O Antonio Papança!» Finalmente, os dois poetas, que não se conheciam, encontraram-se uma noite no *Montanha*: a semelhança era tão flagrante que não foi necessaria apresentação. Co-





*D. João da Camara em Louvain, com seus primos o conde de Cebarica e Antonio d'Almeida Correia de Sá, em 1870
— D. João da Camara e Luiz G. Z. da Camara, em 1871
— D. João da Camara com o seu amigo Pitta de Castro, em 1871*



O actor Augusto Rosa na « Triste Viúva »

(CLICHÉ DE BOBONE).

meçaram a rir e cahiram nos braços um do outro. D'ahi por diante, ficaram amigos: não era raro, por esse tempo, vê-los a ambos com o loiro e pallido Cesario Verde, cuja elegancia sobria e ingleza se vingava, cortejando *misses*, das longas semanas passadas a vender ferragens na loja do pae.

Entre aquellas duas elegancias — a elegancia viril e portugueza de Antonio Papança e a elegancia saxonica e fleugmatica de Cesario, um d'Orsay pessimista, — João da Camara era a discordante nota da simplicidade. Fidalgo de nascimento, desprezado de tudo e especialmente da sua nobreza, alheia-se, por commodidade e por systema, de quanto significasse uma exterioridade inutil. O senso pratico da vida não era o seu forte. Apaixonado pela mathematica e pela litteratura, sempre distrahido, sempre a pensar n'outra coisa, procurava constantemente ou a equação d'uma curva ou o fecho d'um soneto. Cesario tratava-o de « creatura philosophica e mysteriosa ». Absorviam-no os grandes problemas. A triseção do angulo, por exemplo, preocupou-o desde a mocidade até quasi aos ultimos annos de vida, como já preoccupára João de Deus: chegou a encontrar para ella, como o grande lyrico, um processo infallivel que procurava demonstrar analytica e trigonometricamente. Os seus manuscriptos litterarios (o borrão das *Comadres de Panoias* é caracteristico) appareciam, quando os entregava, erichados de fórmulas e de desenvolvimentos de calculo. A semelhança do velho Hoffmann, que desenhava enquanto escrevia, João da Camara, durante a elaboração da phrase, punha curvas em equação. — « Quando chego a casa aborrecido, — dizia elle aos seus amigos mais intimos, — a unica coisa que me distrahe é traçar uma curva e resolvê-la. » O culto pela abstracção e pela formula, que faz dos grandes

mathematicos grandes poetas, era uma das caracteristicas do seu espirito naturalmente propenso às congeminacões philosophicas. D'ahi, o ar ás vezes vago, subtil, impenetravel, do auctor da *Meia Noite*, e o caracter especial de algumas das suas creações litterarias, que, como as figuras de *Chrysostomo* e do *Sursum-Corda*, não passam de puras abstracções, de



Retrato de 1887

(PHOT. CORREIA)



D. João da Camara e Francisco Figueiredo, 1872
— D. João da Camara e sua esposa no cunho do seu
casamento, 1874 (PHOT. J. R. DA SILVA, AZAMBUJA)—
D. João da Camara, sua esposa e cunhado Francisco
de Mello Breyner, em 1875

simples formulas vagas de sentimentos humanos. O proprio aspecto do poeta dava um pouco a impressao das figuras por elle mesmo creadas: dir-se-hia que aquelle homem singular, mysterioso, não era bem d'este mundo. Um certo caracter de inadaptaçao dominava a sua mentalidade. Era um deslocado, um desviado. Pertencia a um certo numero de creaturas que não se sabe se deveriam ter nascido n'uma época anterior, se posterior á nossa. A sua religiosidade taciturna do fidalgo portuguez do seculo XVIII, o seu mysticismo obscuro, pareciam penetrados d'um certo caracter de regressao que impressionava, e que não poderia talvez, exclusivamente, attribuir-se á tradiçao de familia e á influencia da educaçao jesuitica.

Fosse porém como fosse, a inadaptaçao era manifesta, — e ella foi a causa e o segredo da pouca felicidade do poeta. Nascido e creado junto de uma sociedade elevada e culta, fugiu d'essa sociedade, que o adorava. Lançado n'outro meio, a que por sangue e raça não pertencia, tendo de lutar, de viver, falharam-lhe as condiçoes indispensaveis á lucta pela vida, — e passou pelo mundo sonhando, n'uma vaga abstracçao de illuminado, entre formulas d'algebra e versos d'oiro, congeminando philosophias obscuras e derramando perdularia-

mente obras primas incompletas. — «*Creatura philosophica e mysteriosa*» — lhe chamavam os seus amigos de ha trinta annos, impressionados pelo feito singular d'esse grande poeta que foi um santo: pois ainda hontem, trinta annos depois, a mesma impressao de impenetravel mysterio do minou os espiritos dos seus amigos d'agora, ao ouvir-o, sobre o leito da morte, n'uma allucinaçao immensa de espanto e de pavor, n'um verbo a um tempo illuminado e obscuro de propheticia, descrever os horrores do Juizo Final, a proxima catastrophe



Rosa Damasceno nos «Velhos» (CLICHÉ DE ROBONE).



Retrato offerecido
ao seu amigo Frederico
Lemos

(PHOT. SERRA)



Trabalhando sob o arvoredo do jardim da Junqueira, 17 de julho de 1907

do Mundo que habitamos, — e serenar apenas á força de hypnoticos, para recahir passadas horas na mais santa beatitude, recitando versos á Virgem como uma creança...

JOÃO DA CAMARA E BOCAGE ♣ UMA BOHEMIA DOLOROSA ♣ O GENIO D'UM NOCTIVAGO ♣ BOHEMIOS DE COSILLAS DE OURO: ANGEJA, D. THOMAZ DE MELLO, D. CAETANO DE BRAGANÇA ♣ D. JOÃO E A ANECDOTA ♣ PAESINHO QUER UM CAFÉ? ♣ O ACTOR ALEGREM E O CHAPÉU ALTO DO CONDE DA RIBEIRA ♣ OS LOBOS MUDADOS EM POMBIAS

Dizem que João da Camara foi um bohemio, um esterneitado, — digno de herdar o capotão de baeta azul e os sapatos de fivella de Bocage. Quem escreve estas rapidas impressões nunca o conheceu sob esse aspecto, — naturalmente porque só nos ultimos dez annos o conheceu. Recolhia muitas vezes altas horas, é certo, vagueava pelas ruas com os amigos, noites e noites, — porque recolher á cama era para elle um supplicio: uma horrorosa asthma torturava-o, affligia-o, fazia-o saltar do leito, vestir-se, sair pela porta fóra, congestionado, a face róxa, n'uma ancia afflittiva d'ar. Em parte, por conseguinte, a sua bohemia era uma bohemia dolorosa. Mas não era só a doença que lhe indisciplinava a vida.

Elle proprio, pelo seu feito inadapavel, era já a negação de toda a disciplina, de todo o methodo, de toda a ordem. Comparecer a

horas fixas na repartição, na escola, fôsse onde fôsse, era para o grande poeta o mais grave dos problemas a resolver. A pontualidade foi sempre uma das virtudes que elle mais admirou nos outros. Um nada o distrahia, um amigo o desviava, — e a sua placida figura, d'uma tranquillidade evangelica, deixava-se levar, presa d'uma anecdota ou de coisa nenhuma, vagueando na mesma rua, no mesmo passeio, na mesma livraria, horas e horas, noites e noites. Dir-se-hia que uma parésia da vontade o inhibia de seguir o caminho que as conveniencias e as necessidades da vida lhe traçavam. Havia ás vezes, nos seus movimentos, nas suas resoluções, a indecisão de um abulico. E assim, elle, que era a extrema corrección, a extrema fidalguia, a extrema bondade, que tinha do dever a noção clara e illuminada de um justo, — perdeu por falta de assiduidade o seu lugar na Companhia Real, e raras vezes comparcia na repartição de que era chefe. Ao contrario da independência selvagem de Bocage, que, de

bicorne hollandez descaído sobre a orelha, dizia ao ministro Seabra, que lhe offercia um logar: «Guarde-o o senhor, que não me contém», — a inadaptação de João da Camara significava uma lucta, e essa lucta um esforço nobre e generoso. Mas como havia o grande poeta de ver claro na materialidade estúpida d'este mundo, se a poeira d'ouro do sonho lhe velava os olhos? Evidentemente, tinha de seguir o seu destino, — e de ser o que real-



D. João da Camara em Castello de Vido, com os seus companheiros de trabalho no ramal de Caceres (1878)

mente foi, o que não podia deixar de ter sido: a negação de todo o espirito pratico, uma creatura desarmada perante todas as fraquezas e com o coração aberto para todas as bondades.

Os actores João Rosa e Joaquim Costa n'«Os Velhos»
(PHOT. DE BOBONE).



Retrato de 19 de maio de 1907

Como de resto succede ás figuras que se isolam, por inadaptação, ou se desintegram, por systema, da multidão de que fazem parte, — João da Camara pertence, pela face mais pittoresca da sua individualidade, não á historia, — mas á anecdotia, que é a consagração e a alma da historia. O seu genio noctívago, o seu amor tradicional pela «horta», a sua pacífica extravagancia de fidalgo-artista que procurava no contacto do povo os seus motivos d'arte, approximaram-no de um grupo já quasi desaparecido de bohemios velhos e na sua maioria illustres, — o marquez d'Angeja, Julio Mardel, o Pinturas, D. Thomaz de Mello, D. Caetano de Bragança, D. Segismundo, — e crearam-lhe, n'essa bohemia de costella dourada, um lugar de príncipe, — ia quasi a dizer: um lugar de santo. São innumerables as anecdotas que se contam do poeta dos *Velhos*, — como innumerables eram as anecdotas que elle contava de toda a gente, no seu eterno sorriso d'uma ironia seraphica, docemente, enrolando um cigarro e olhando por cima da luneta.

Gervasio Lobato, D. João da Camara e Lopes de Mendonça

(PHOT. DE BOBONE).





Augusto Rosa no «Aicacc Kibir»
(CLICHÉ BOBONE).



D. João da Camara e o curso de arte dramatica do Conservatorio, em 1906



Brazão n'«Os velhos»
(PHOT. BOBONE)



Rosa Damasceno no «D. Affonso VI»
(PHOT. BOBONE)



Grupo tirado por ocasião da representação do Zé Palombo, em que figuram os auctores, Lopes de Mendonça, D. João da Camara e Gervasio Lobato, e os intérpretes, actores Gomez, João Rosa, Vally, Augusto de Mello e Taborda, as actrizes Jetuina e Amélia da Silveira e a cantora Helena Theodorini

(PHOT. BOBONE)



Rosa Damasceno no «D. Affonso VI»
(PHOT. BOBONE)

Mas, — coisa curiosa! — ao passo que as aneddotas do marquez d'Angeja, por exemplo, esse grande fidalgo que



D. João da Camara—(PHOTOGRAPHADO POR EDUARDO BRAZÃO)

para pegar ás varas d'ouro do pallio punha a El-Rei a condição de não calçar luvas, revestem o aspecto de *boutades* de mau gosto e significam quasi sempre uma rebelião declarada contra o espirito de raça, — as aneddotas de D. João da Camara, pelo contrario, cheias d'uma grande doçura, d'uma grande nobreza, revelam-nos o caracter do poeta na sua mais luminosa, na sua mais elevada expressão humana: a bondade, — uma tranquilla bondade de justo, uma suprema beatitude do santo, que se diria

herdada do espirito religioso da familia, mas que á força de anachronismo, — digamol-o assim, — pelas circunstancias que a revestiam, pela sua incompatibilidade com as mais elementares noções do senso pratico, tomava um caracter irresistivelmente comico, uma expressão singular que se diria contradictoria com o sentimento que a originava. E entretanto, — pobre D. João! — quanto amargor de lagrimas não ha no fundo d'essas aneddotas de bondade, que fazem rir quem o conhece mal, e marejam os olhos de quem lhe apertou uma vez a mão d'amigo! Todas ellas teem por motivo essencial o amparo dos desvalidos, a piedade pelos pobres; todas se tecem em volta de uma esmola ou d'uma lagrima; em todas uma figura desprotegida passa, cheia de humildade e de ternura, a quem o poeta faz a suprema caridade da sua pobreza. Como a sua obra, — a sua vida está cheia de humildes. O pobre D. João, elle, que empenhava o seu theatro para viver dia a dia, — tinha ás vezes a grandiosidade de um Bispo esmoler-mór. A quem escreve estas linhas nunca esquecerá o episodio commovedoramente hilariante de certa preta velha, miseravel, andrajosa, que uma noite de chuva e de frio, no Aterro, perto da uma hora da madrugada, estendeu a mão ao poeta, pedindo-lhe esmola:

— *Paesinho, dá cinco réis?*

João da Camara, que morava no palacio dos marquezes da Ribeira e recolhido n'uma porta esperava o americano para regressar a casa, metteu a mão ao bolso: tinha apenas um tostão, um modesto e apagado tostãozinho de nickel, o indispensavel para pagar a passagem até á Junqueira. Pensou em trocal-o, em qualquer loja, em qualquer kiosque; era já tarde, tudo estava fechado. Que fazer? Entretanto, a velha tremia, descarnada, embrulhada n'um chale rito, e estendia a mão negra sob a chuva que cahia continua, implacavel:

— *Paesinho, cinco réis p'ra aguardente, que está tanto frio!*

Tinha um tostão apenas? Que importava! O poeta não hesitou. Ao sentimento puro da caridade, que existia innato



Grupo tirado na noite da recita do auctor do «Commissario de Policia»

Primeiro plano: srs. Jorge Victor, Lopes de Mendonça, João da Camara, Caetano Alberto, Raphael Bordallo, D. José da Camara. Segundo plano: srs. Eça Leal, Lorjô Tavares, Agostinho Franco, Schwaibach, Augusto de Mello, actor Augusto de Mello, C. Ribeiro da Silva, Dr. Pedroso de Lima, Moura Cabral, Acacio Antunes, Augusto Lobato (CLICHÉ BOBONE)



no fundo do seu caracter, repugnava, para subir para o conforto d'um carro que o levaria ao conforto de um leito, deixar sem esmola aquella pobre velha. O ultimo electrico passou, n'uma vertigem, rangendo e detonando nos rails molhados. Em vez de o fazer parar, D. João da Camara chamou a preta, deu-lhe o tostão,—toda a sua riqueza n'aquella noite,—e resignadamente, docemente, n'um sorriso tranquillo, levantou a golla do casaco, arregaçou as calças e meteu-se a chuva, a pé, a caminho da Junqueira. Logo a preta, radiante, vendo a moeda á luz do candieiro, e correndo atraz de D. João, cuja figura humilde e curvada, debaixo da chuva, patinhava tristemente a lama:

—O paesinho! Quer tomar um café?

E como esta, quantas outras historias de caridade simples, ingénua, delicada! Todos aquelles que acompanharam os ultimos annos do admiravel poeta dos *Velhos*, sabem em quantos thesouros de bondade elle se desentranhava, com quanto carinho protegia os seus discipulos do Conservatorio, pobres todos como elle, todos humildes como, na sua fidalguia quasi real, era humilde o mestre. Entre todos, aquelle que mais paternal estima mereceu ao grande poeta foi sem duvida o moço actor Alegrim, para o qual D. João da Camara escreveu *O dorminhoco*. Um dia, já depois de sahido dos Caetanos

e de escripturado no Gymnasio, distribuiram-lhe um papel que exigia casaca e chapéu alto. O pobre Alegrim, que nunca possuira semelhantes trastes e que era pobre como a pobreza, correu logo, afflictissimo, a casa do seu illustre professor e protector.

—Então que foi, Alegrim?

—Ora, sr. D. João! Eu já estava á espera d'isto.

—E para quando é?—perguntou o poeta.

—E' já para esta noite! E' uma substituição!

E o pobre rapaz arrepellava-se, chorava quasi, quando o querido morto, no seu eterno sorriso tranquillo, enrolando o seu eterno cigarro, o socego:

—Não faz mal, Alegrim. Empréstote eu a minha casaca. A respeito do chapéu é que estamos peor. Só tenho em casa o do meu irmão...

—O do sr. conde?

—Eu empréstote-o, mas vê lá sem'o estragas...

Estava resolvida a dificuldade. N'essa noite Alegrim representava—honra excepcional!—enfian-do nos braços a casaca de D. João Zarco da Camara, e espetando na cabeça o chapéu alto do conde da Ribeira!

Pois não é verdade que sobre o tumulo do grande poeta da *Triste Viuzinha*, *os dois lobos que ladeam em campo verde a torre de prata das camaras* se deveriam mudar em pombas?

JULIO DANTAS.



Uma scena da «Rosa Engeitada» — Outra scena da «Rosa Engeitada» (Adelina Abrachet e Ernesto Valle)—(CLICHÉS DA PHOT. FERNANDES)



José Velloso de Castro, alferes d'infanteria

(Continuado dos n.ºs 100, 101 e 102)

IV

Em terra inimiga!

N'AQUELLA madrugada quando abri os olhos era ainda escuro.

Um camarada approximára-se do monte de palha, que me servia de cama junto d'um enorme imbondeiro, e vendo-me ainda a dormir tão descansado chamára-me. E agora dizia-me:

— Então? vamos embora. Olha que já são quasi horas de marcharmos.

Estirando-me preguiçosamente, levantei-me mal humorado por ter sido arrancado ao meu esplendido somno.

Pouco depois no acampamento começava o movimento.

COMO NÓS VENCEMOS
NO
CUAMATO.



Mário Augusto de Sousa Dias, capitão d'infanteria

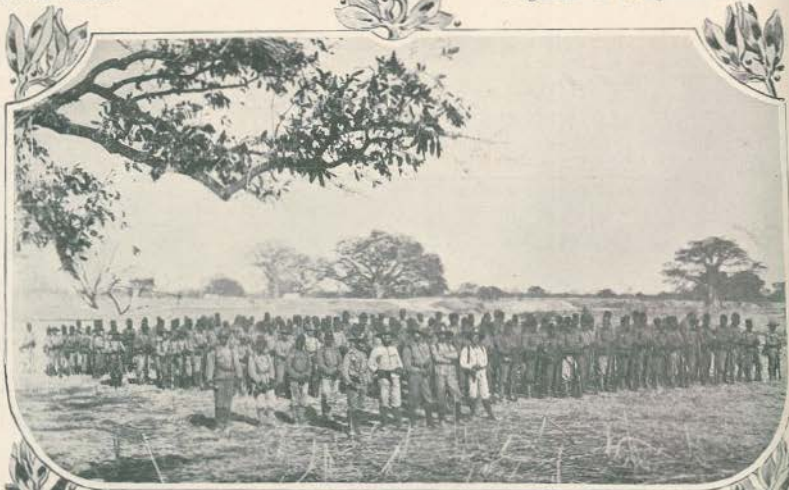


Os rancheiros terminavam a confecção do café, os carreiros metiam os bois ás cangas com os seus gritos característicos, os artilheiros engatavam o gado aos armôes, os officiaes davam as ultimas ordens.

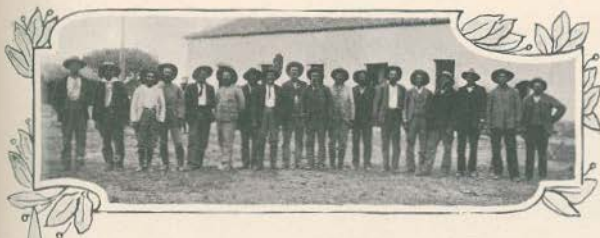
Pouco passava das 3 horas da madrugada. A manhã estava fresca e agradável, e pela boa disposição dos nossos soldados, um extranho tomaria aquelles preparativos mais para um simples exercicio do que para a primeira etapa d'uma campanha que havia de

custar tantas vidas e sacrificios. A columna estava formada em tres escalões, seguindo o atraz do primeiro d'estes e flanqueados pelos outros dois a artilharia, o quartel general, trem de combate, ambulancia e finalmente o comboio de carros boers.

A guarda da rectaguarda era a 16.º



Francisco Pereira tenente veterinario, mortalmente ferido no combate do Muflão
— A companhia de auxiliares indigenas



Grupo de auxiliares boes que tomaram parte na campanha

companhia indigena e a secção Krupp. Ladeavam o comboio os dois esquadrões de dragões de Angola. A exploração á frente era feita por um pelotão do 1.º Dragões e um grupo de cavalleiros auxiliares, assim como alguns a pé. Seguia-se-lhes o pelotão de sapadores, abrindo caminho. A columna devia ser rodeada pelos auxiliares indigenas pela frente, flancos e cauda, o que elles não fizeram nunca, pois recolheram-se ao abrigo dos escalões lateraes e do comboio.

Deveriam ser 8 horas da manhã quando os ultimos carros encetaram a marcha.

As forças caminhavam em silencio, parando de quando em quando para se cortarem arvores, a fim de lhes dar passagem, e esperando a cada momento uma surpresa do inimigo. Esta primeira marcha foi muito demorada, por ser muito densa a matta de espinheiros, tendo em geral os carros de metter a um de fundo, attingindo a columna por vezes, por causa da demora d'elles, uma extensão de mais de dois kilometros.

Depois de se andar assim algumas horas na matta chegou-se a uns antigos arimos, onde os carros tiveram grande difficuldade em passar por o terreno ser muito arenoso. Atravessamos depois uma pequena matta de *muthiats*, avistando-se logo em seguida a *chana Tchahafenda*, coberta de alto e denso *capim*, onde en-

tramos pouco depois das 11 horas da manhã, tendo apenas andado seis kilometros. Porém, como quando ali chegaram os ultimos carros já fôse quasi meio dia, acampou-se em quadrado, ficando o comboio no centro do bivaque, bem como a cavallaria e quartel general. As bocas de fogo foram collocadas nos angulos e meios das faces. Abriram-se trincheiras formando-se um

parapeito com saccos cheios com a terra t'rada da escavação.

De dia o inimigo não se manifestou, mas depois de anoitecer ouviu-se ao longe o seu cantico de guerra ecoando no silencio dos mattagaes.

Pouco depois distinguim-se palavras que os interpretes iam traduzindo. Era o desafio terrivel áquelles que assim ousavam invadir-lhes as suas terras.

— A' manhã nos encontraremos! dizem elles, havemos de castigar o vosso atrevimento. A terra é nossa!

Por entre o matto, á luz dos projectores d'acetylene que estavam collocados nos angulos do quadrado ainda houve quem distinguisse alguns vultos.

Pouco depois cahiu tudo novamente no silencio apenas cortado pelo uivo sinistro das hyenas ou pelo latido afflictivo das rapozas.

E ao deitar-nos sobre o terreno n'essa noite, lembravamos-nos ironicamente dos preceitos de hygiene tão recommendados e tão impossiveis de realizar n'aquellas circumstancias. Nem mesmo se pode sempre observar as rudimentares recommendações da ordem á columna: «Que se evitasse de dormir em contacto com o sólo, preparando, sempre que fôsse possivel, camas de *capim*», que embora não fôsse positivamente «o conforto moderno» era já uma grande commodidade na nossa situação.

Era ainda esta mesma ordem que lembrava ás praças o dever de manterem a maior serenidade e disciplina, mesmo nos mais difficeis transes e parece-me interessante transcrever aqui trez dos seus paragraphos:

«Quando se ouvir o toque de carregar repetido por todas as cornetas e tambor-



Bateria Canel: A secção do alferes Victoria



res, todas as praças em 1.ª linha se precipitarão sobre o inimigo, gritando!

«Sobre retiradas não se fala porque, nas guerras com pretos, o soldado português não sabe o que seja — retirar!»

«Soldados e marinheiros! Lembra-vos que inspiraes ao negro um terror supersticioso; tomae isto como uns mandamentos: vence o sangue frio, pontarias baixas, fogo por descargas á voz dos vossos commandantes, e quando se dê a voz de carregar fazei-o a fundo! Quanto mais numeroso for o inimigo, maiores serão as perdas que vós lhe causareis e maior será a vossa gloria de o ter derrotado!»

Muflo

Na madrugada seguinte, depois da distribuição d'aguardente e de 3 decilitros d'água por praça, seguimos com a mesma disposição da vespera, mas com o escalão da frente em linha; préviamente havia-se destruído o entrancheiramento. A marcha effectuou-se com mais regularidade do que no dia anterior, por isso que o terreno, mais desembaraçado, assim o permitia.

Entrou-se logo n'uma matta na qual os sapadores abriram caminho, chegando assim á *chana Liliombe*. A ansiedade era grande, pois em guerra não ha nada que mais canse o moral das tropas do que a expectativa, e o aviso da vespera leito pelos cuamatos fa-



zia pensar que em breve seríamos atacados.

Effectivamente a meio da *Lilôombe* os exploradores a cavallo retrocederam gritando:

—A *chana* está negra de cuamatos!

Explicaram então que n'uma enorme clareira, separada d'aquella em que estavam apenas por uma faixa de matto de meio kilometro, se encontravam muitos pretos. Tíhamos o inimigo perto e provavelmente iam ter o primeiro combate.

Nas fileiras correu um fremito d'alegria feroz, e a commoção era enorme causada pelo desejo de aniquillar essa raça de negros, que tantos sacrificios custára já á nossa querida Patria.

Eram nove horas da manhã.

A columna avançou e entrou na *chana*. Era uma vastíssima planície toda rodeada de matto, em alguns pontos bastante cerrado. Aqui e alli viam-se morros de *salalé*, que offereciam magnifico abrigo aos nossos inimigos.

Quando as primeiras tropas chegaram á orla do matto já não viram os negros, os quaes, dissimulados com o matto ou escondidos no *capim*, se occultavam á nossa vista. Assim fomos caminhando até que quando só já estavam na matta dois carros boers e uma carroça alemtejana, rompeu o fogo sobre a cauda do lado esquerdo. Deviam ser 9 e meia



Dois aspectos da *chana* do Muflo



da manhã. Estava iniciada a lucta: A guarda do comboio, sem perda de tempo, tomou as suas disposições defensivas. O 1.º esquadraão apeou e estendeu em atiradores, a 16.ª ajoelhada estava prompta á defeza, a secção Krupp poz uma peça prompta a fazer fogo. Alguns auxiliares appareceram tambem fazendo tiros sobre o inimigo. Este quasi ao mesmo tempo estendeu o seu tiroteio sobre toda a parte esquerda.

Vi então que os bois tinham conseguido arrancar do areal os dois carros que alli estavam pegados. A carroça alemtejana com a pa-

mandante da columna mandára formar quadrado, o qual pouco depois era fechado pelas tropas da rectaguarda, que foram reforçadas por um pelotão do 12.

O angulo da rectaguarda da face esquerda era o ponto mais atacado, especialmente por um grupo de gentio que se tinha entrincheirado n'uma libata d'onde partia intenso tiroteio.

Aqui tive a grande honra de poder bem cumprir uma ordem directa do meu commandante, o capitão Roçadas:

—Veja se me deita abaixo aquella libata!



Outros aspectos da chana do Mufilo

relha embaraçada no matto e uma roda contra uma arvore não se podia tirar. O capitão Carrilho resolveu abandonal-a, mas n'esse momento ouviu-se que alguém gritava:

—Meu capitão! Traz um homem com febres!

Effectivamente trazia, e estava bastante doente, porém ao vêr que a carroça não podia andar, saltou ligeiramente para o chão e deitou a correr para a frente. Não ha febres que resistam a sentir assobiar meia duzia de balas!

Entretanto na planicie o com-

mandante aqui o que, a este respeito, diz o tenente Mascarenhas, sub-chefe de estado maior, n'uma carta que escreveu para Lisboa e onde gostosamente leio:

«A artilharia, que tinha tomado posição nas faces da frente e na da direita e esquerda, fazia bastante falta na da rectaguarda, que, sendo a primeira a ser atacada, foi a ultima a poder ser guarnecida. Entretanto, d'uma libata situada sobre a direita da face, partia um fogo vivo e certo que muito nos incommo-

dou enquanto que uma peça da secção de B. E. M. 7.^{em}, do commando do 2.^o tenente da armada Penalva, não se estabeleceu no flanco direito da face e desalojou da libata a maioria dos seus defensores, o que conseguiu á segunda granada que sobre ella lançou. « Fôra o meu 87; um cabo que pertencia ao 2.^o esquadrão, quem, embora não fosse essa a sua especialidade, fizera aquellas magnificas pontarias, o que mais tarde lhe valeu um elogioso louvor na ordem da columna.

Já a este tempo na rectaguarda, a face que eu via melhor, tres pretos das companhias indigenas cahiam atingidos pelos perfdos projecteis inimigos. Um d'elles encontrei eu com o rosto ensanguentado, gemendo no chão. Coitado, tinha fraquejado no caminho para a ambulancia, e só depois de o intimar formalmente, consegui que se arrastasse até lá, pois era-me impossivel abandonar o meu serviço.

Não longe, uma bala atravessava a garganta do alferes Velloso, que cahia prostrado no solo. Ouvi então um soldado gritar angustiosamente:

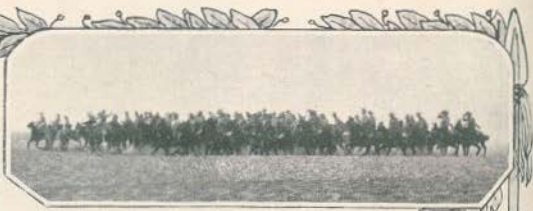
—Mataram alli um official! meu tenente!

Mas logo o seu commandante lhe responde:

—Não te assustes que ainda cá ficam muitos!

E' brutal, talvez, mas em combate é preciso assim.

Agora o fogo tinha-se generalizado em volta do quadrado, e estavamos sob o peso de um intenso tiroteio. Apenas do angulo direito da rectaguarda nos não atacavam. Os negros traiçoeiramente tinham tentado o envolvimento da columna com os seus atiradores, deixando-nos aquella porta de retirada, que julgo estaria guardada com pretos d'arma branca, os quaes sobre nós cahiriam em massa, á semilhança do que fôra n'esse triste dia de 1904, e então algum que escapasse á morte só seria para soffrer as mais horribeis torturas.



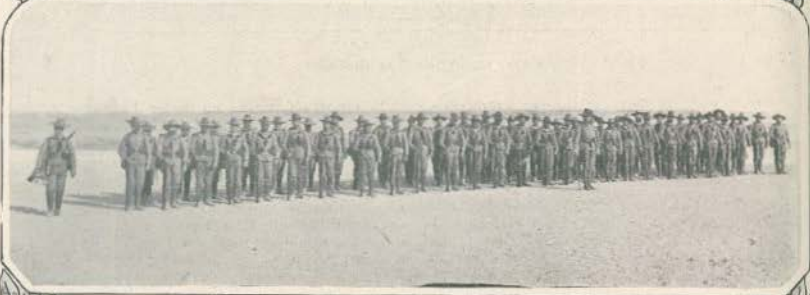
Final d'uma carga do 2.^o esquadrão

Enganaram-se! A artilharia lançou as suas granadas com precisão ensanguentando o matto com estroços humanos. As descargas da infantaria partindo á voz de commando, como que um bando de aves levantando d'um só vôo, prostra por terra inumeros inimigos. Sobre a direita ouve-se então uma enorme vozeria entrecortada de gritos d'ameaça e de estímulo. São os bravos da 1.^a Europeia que carregam a fundo sobre a orla do matto. Seguemos de perto os valentes landins, entoando o seu feroz cantic de guerra e brandindo as suas armas, avançando aos saltos por entre o matto; cada um d'aquelles corajosos negros parece um gigante lendario de que só a vista atemorizaria o mais atrevido adversario. O gentio retira por um momento, permitindo que as unidades recolham, mas então o tiroteio sobre a face esquerda é violentissimo.

Aqui e alli bravos soldados cahem varados pelas balas inimigas, alguns para não mais se levantarem!

As macas não chegam para os transportar porque o numero dos feridos é enorme.

Sahe então a companhia de guerra e uma parte da 14.^a internando-se pela esquerda, a ponto de haver um momento em que já as não vejo. Os de



3.^o pelotão da companhia de marinha que iniciou a carga d'esta unidade no Mufilo





Officinas da 1.ª companhia europeia e 1.º esquadrão de dragões

nem por isso os nossos valentes soldados deixaram de trabalhar activamente.

Em menos d'uma hora estavam as trincheiras feitas, e as forças abrigavam-se atraz d'aquelle improvisado baluarte, que, embora insufficiente, evitava a maior numero de baixas.

Do flanco direito agora o gentio procurava astuciosamente enfiar com os seus tiros a face da frente. Duas descargas d'um pelotão de marinha, dadas como um só tiro, calam-no por um instante, mas logo o seu fogo redobra de violencia. O terceiro pelotão da marinha sabe então do seu entrincheiramento e carrega energicamente sobre o inimigo.

A' frente o tenente Marthá, estimulando as suas praças, heroicamente penetra na orla do matto. Os outros dois pelotões da companhia seguem-no depois e os gritos das praças, animando-se entusiasticamente no seu calão de marujo, ouvem-se em todo o quadrado. Mais uma vez a gente do mar prova que em terra tambem sabe ser soldado. O inimigo desaloja-se e por algum tempo d'aquelle lado deixa de nos incommodar.

Durante todo este inolvidavel dia, Roçadas, sempre com a maior serenidade, apparecia em

portados portam-se como verdadeiros heroes e fazem esquecer que estão em Africa por crimes contra o dever militar.

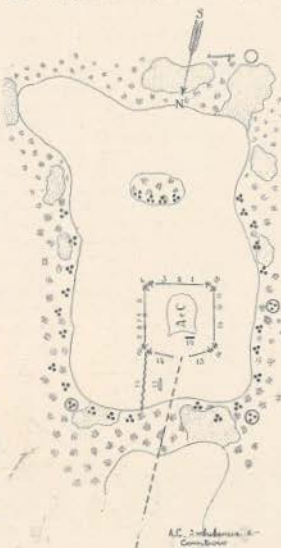
Acompanha-os, de perto, uma peça sob o commando do alferes Victoría, que não se esquece que o destino o fadou com aquelle appellido e quer obter, a tudo o custo — victorial!

O commandante da columna dá então ordem para sahir a cavallaria. O capitão Montez parte com o grupo de esquadrões para a rectaguarda, e correndo o matto destemidamente mata muitos negros e põe em fuga outros. O inimigo esperalhes a passagem dissimulado com os abrigos naturaes e faz-lhes vivo fogo, ferindo alguns cavallos e homens, mas elles de tudo triumpham. O 2.º esquadrão traz-nos os primeiros trophéus: algumas armas e cintos com cartuchos. E' então o primeiro momento em que se respira um pouco, e é já perto do meio dia! Mas o descanso é ephemero, porque rompe de novo o tiroiteio em torno do quadrado.

O nosso commandante vendo que o inimigo não desiste resolve pernoitar alli. Dá ordem para que se construa o entrincheiramento.

A primeira fileira responde serenamente ao inimigo com as suas descargas regulares, enquanto a segunda cava um buraco enchendo saccoes com a terra que d'ahi tira e formandoo com elles o parapeito.

O tiroiteio era intenso, mas



vane de Nuyta

Legenda

- Comandante chefe pelo
- Colunna
- Matto
- Armas (Comandante)
- Fuzil
- Fuzil de abate
- △ Armas
- 1-Comp.ª de Perceira
- 2-Comp.ª de J. P. S.
- 4-1 Saldia
- 5-Comp.ª de Guerra
- 6-1 Saldia
- 7-16 "Comp.ª Indígena
- 8-1 Saldia
- 9-11 "Comp.ª Indígena
- 10-1 Saldia
- 11-16 "Comp.ª Indígena
- 12-16 "Comp.ª Indígena
- 13-16 "Comp.ª Indígena
- 14-16 "Comp.ª Indígena
- 15-16 "Comp.ª Indígena
- 16-1 Saldia
- 17-16 "Comp.ª Indígena
- 18-1 Saldia
- 19-Grupo de esquadras de arto e carabati

Combate de 27 de agosto de 1907



Junto ao forno da cal, caminho da Humpata: Um 'carro' alemtefano



*Bivouac na Tchubafenda, face direita e saliente
guardada pela bateria Canet*

toda a parte prevendo os lances seguintes da refrega e dando as precisas ordens. A cavallo durante quasi todo o combate, ora carrega no flanco da companhia de guerra sobre a esquerda, ora acode á retaguarda a regularisar a formação do quadrado e logo acompanha a marinha na sua carreira sobre a orla da matta.

Incaçável e inquebrantável, apesar de aos primeiros tiros ver cair gravemente ferido o ajudante, o alferes Velloso, e pouco depois mortalmente ferida a sua ordenança, nada o faz alterar e na sua voz socegada resolve todas as difficuldades, vendo-se-lhe por vezes assomar ao rosto um sorriso de alegria, coroando o bom exito de algum movimento das suas tropas.



Até á 1 hora e 30 minutos o tiroteio foi sempre vivissimo. O inimigo parecia animar-se cada vez mais e não perder a esperanza de vencer aquella pequena columna que tão rija resistencia lhe oppunha. Saiu depois novamente o 2.º esquadrão fazendo d'esta vez a volta em torno do quadrado. Fez uma brilhante carga em que teve 4 homens feridos e ficou com mais de vinte cavallos fora de combate. A' volta ao quadrado o esquadrão formado em linha, com os clarins á frente tocando a marcha de guerra, tinha um aspecto verdadeira-

mente imponente. Foi acolhido pela companhia de marinha com uma salva de palmas, generalizando-se depois o entusiasmo ás outras unidades, que embora elles proprios no meio de enorme perigo, se não esqueciam dos riscos corridos pelos seus camaradas da cavallaria.

O inimigo tendo então cessado momentaneamente o seu fogo permittiu que se co-

messe a ração fria e que se bebesses agua Beber! Quem nunca soffreu sede, não pôde imaginar o que seja estar um dia inteiro de baixo d'um sol abrazador, trabalhando sem descanso e sentindo sibilar balas ás centenas, talvez aos milhares, quasi sem agua para beber!

A quantidade do precioso liquido transportada nos carros, embora grande não chegaria por certo se não fosse avaramente poupada e a idéa de que era «a ração» fazia augmentar ainda mais a necessidade de beber; chegou a ponto dos auxiliares, sempre mais ou menos indisciplinados, roubarem agua para matarem a ardente sede, abusos estes que se não é impossivel de evitar, pelo menos, durante o combate, é muito difficil.

A's nossas praças que, com a boca espou-

mando de secura, pediam agua, tivemos nós que dizer bem contra vontade:

—Agora não se bebe—combate-se!

Depois da ultima sortida do esquadrão julgou-se o combate terminado, pois que já não se ouvia tiro algum em volta do quadrado. Mas pouco durou esse socego porque tendo a cavallaria e a companhia de infantaria 12 sahido a fim de proteger a data d'agua ao gado, os negros recommecaram o seu tiroteio sobre esta força e sobre o quadrado, obrigando-os a desistir d'aquelle serviço.

(Continua)

ALVARO PENALVA.

A CÔRTE EM VILLA VIÇOSA



la Viçosa, que no solar dos duques de Bragança, entre caçadas e festas, se estavam decorrendo os ultimos dias de um reinado! E agora, ao reler essas linhas, ellas quasi nos apparecem como uma pungente e impressionante prophcia.



A caminho da tapada
(CLICHÉ DE S. M. EL-REI D. CARLOS)

Uma manhã de caça em Villa Viçosa
(CLICHÉ DO SR. PINTO SANTOS)

MAI diríamos, quando ao fechar a noticia com que acompanhavamos as photographias de el-rei D. Carlos, de S. A. o Principe Real e do sr. José Pinto dos Santos attribuíamos uma singular importancia historica á estação venatoria de Vil-



No regresso da batida

(CLICHÉ DO SR. PINTO SANTOS)



Foi n'uma das salas de Villa Viçosa que no dia 31 de janeiro—anniversario da revolução do Porto—el-rei assignou o decreto imprudente que habilitava o governo a dar um desenlace summario aos aprisionamentos politicos da ultima semana. Não se compadecia a impaciencia do dictador com a demora de vinte e quatro horas, que tantas media-

Os convidados de Villa Viçosa photographados por el-rei
(CLICHÉ D'EL-REI D. CARLOS)



Grupo tirado em Villa Viçosa: Primeiro plano: João Vellez Caldeira, S. A. o Infante D. Manuel e José Pinto Santos.
Segundo plano: Conde de Figueiró, visconde do Reguengo (D. Jorge), conselheiro Wenceslan de Lima, S. M. a Rainha, marquez de Castello Melhor,
conde de Arnoso, Terceiro plano: Charleira e Azevedo, Malaquias de Lemos, Revausch, Francisco Figueira Freire, marquez de Soveral, condessa
de Figueiró, marquez de Gouveia, S. M. El-Rei, conde de Tarouca e D. Fernando de Serpa Pimentel—(CLICHÉ DE R. A. O PRINCEPE D. LUIZ FILIPPE)

vam entre a sahida do ministro da justiça—o advogado dos mortos!—do solar de Villa Viçosa, aonde de proposito fôra sollicitar para o fatal documento a assignatura real, e a chegada d'el-rei a Lisboa.

N'essa hora suprema, que ia decidir porventura dos destinos da monarchia, el-rei, privado ha cinco mezes das salutares opinões do Conselho de Estado, assis-



Os convidados de Villa Viçosa photographados por el-rei

(CLICHÉ D'EL-REI D. CARLOS)

morte dos inimigos da dictadura.

E' singularmente conflagrador o espectáculo evocado pelas derradeiras photographias de Villa Viçosa e que inludivelmente testemunham a despreocupaçào feliz em que a familia real viveu os ultimos dias do reinado de D. Carlos I.



Suas altezas o Principe Real e o infante D. Manuel, acompanhados dos srs. marquez do Espal, conde de Arnoso e Manuel de Castro Guimarães

—Sua alteza o Principe Real com os srs. conde de Arnoso e tenente Francisco Figueira (CLICHÉS DE EL-REI D. CARLOS)

tido apenas da sua côrte, criminosamente illudido pelos seus ministros sobre a significação dos irrefragaveis symptomas de revolta que a contumacia liberticida do governo propagára pelo paiz, consentia em legalisar com a sua rubrica um decreto que a opiniào antecipadamente alcuñhara de sentença de



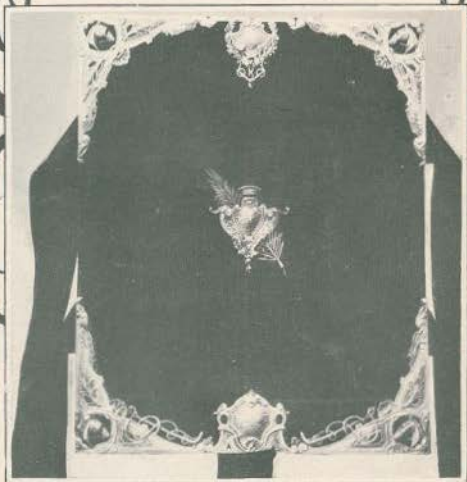
Sua alteza o infante D. Manuel n'uma porta da caçada
(CLICHÉ D'EL-REI D. CARLOS)

HOMENAGEM AO CONDE DE FONTALVA

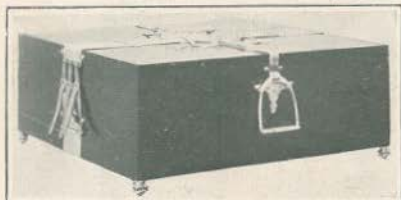


O sr. conde de Fontalva

DEVE realizar-se brevemente, coincidindo com a festa da distribuição dos premios do primeiro Raid hippico nacional, a manifestação de homenagem ao sr. conde de Fontalva, que foi, como se sabe, o presidente da grande



As pastas, com cantos e incrustações de prata, que contem as mensagens e as folhas de assignaturas



Tanto as duas pastas, ambas eguaes, como o cofre, são trabalho muito aprimorado da ourivesaria Leitão, que n'elle confirma mais uma vez os seus altos creditos artisticos.

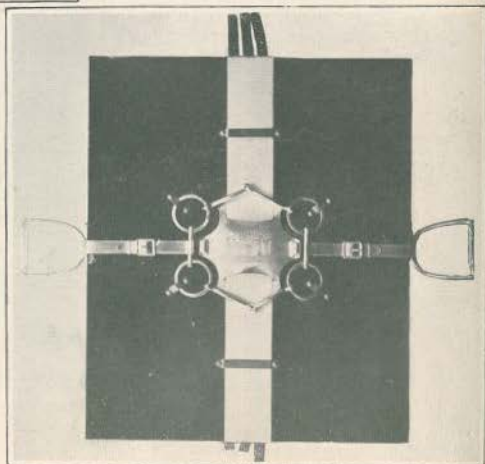


O cofre em que se acham encerradas as pastas

— A tampa superior do cofre, com os seus enfeites de prata
(CLICHÉS DE BENOLIEL)

comissão executiva d'aquella importante prova sportiva promovida pela *Ilustração Portuguesa*, e a quem o nosso hippismo deve os mais relevantes serviços de propaganda e em prol do seu desenvolvimento.

A homenagem prestada ao illustre titular e apaixonado *sportsman* consiste na entrega de duas bellas pastas em moirée vermelho com fitas, que contem respectivamente, em folhas de pergaminho, a mensagem e as assignaturas, uma de muitas senhoras que quizeram tambem associar-se a esta homenagem e outra dos numerosos amigos e admiradores do sr. conde de Fontalva. As duas pastas acham-se encerradas n'um magnifico cofre de páu santo com ricos enfeites de prata do mais apropriado bom gosto.





RETRATO DA SR.^a VISCONDESSA DE ALGÉS E DE SEUS FILHOS — Quadro do pintor Velloso Salgado

(CLICHÉ DE BRNOLIEL)

UMA EXCURSÃO SPORTIVA A MADEIRA



O grupo de tennistas lisboenses que foi ao Funchal disputar aos jogadores madeirenses um campeonato de *lawn-tennis*, e que n'aquella cidade foi tão amavelmente recebido, tendo-se realisado em sua honra diversas festas, regressou já a Lisboa.

O torneio foi ganho pelo grupo madeirense.



Uma partida alegre—Max Abecassis e esposa, D. Julia Abecassis—Miss Phillipmore—Grupo dos tennistas: Primeiro plano sentado: Ricciardi, José Bello; segundo plano: Guilherme Bleck, miss Phillipmore, mademoiselle Plantier, Olga Buzaglio, Guilherme P. Basto, D. Thereza Guarda, Frazer
ultimo plano: D. Sarah Abecassis, Mario Duarte, D. Esther Buzaglio, Max Abecassis Coghlon
(CLICHÉS DE BENOLIEL.)

Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, aformoseados, fortificados com as **Pilulas Orientaes**

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do petto sem causar danno algum á saúde. Aprovado pelas notabilidades medicas. **J. Ratié, Ph. S, Passage Verdun, PARIS.** Frasco com instruções, 1500 rs. Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C., 39, R. Augusta, LISBOA**

Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobratinho (Thomar), Penedos e Casal d' Bernito (Louza), Valle d'ator (Albergaria a Velha).

Papel do Prado

Installadas para uma producao annual de cinco milhoes de kilos de papel e dispendo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papois de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continuo ou redonda e de forma

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51



Endor. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO—PORTO—LISBOA Numero telephonic: 508



Instituto de beleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, beleza e conservacao da juventude. Productos scientificos invisiveis aprovados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e cremes para branquear a pelle das mãos, unhas e aparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a cõr empregue todas as manhãs os maravilhosos productos:

Tintura vegetal garantida e inofensiva. Locção capilar para evitar a queda dos cabelos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua cõr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26—PARIS

Locção, Crème e PÓ KLYTIA

Instruções para o seu emprego



NOUVEAU PARFUM
PRINCEIA VIOLET
25, B. des Italiens, PARIS

PRINCEIA VIOLET



Gaston Lot
PROTHESE DENTARIA
EXTRACÇÃO de dentes sem dor
Colocação de dentes desde 15000 reis.
Consultorio cirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.
(Ao Calhariz)
TELEPHONE 1.582

BEBAM SÓ

Collares Sandeman

O MELHOR
PURO RAMISCO

Produzido nos areas de Collares e entregue aos consumidores tal qual a ceça o deu.

Pedidos a 21, Rua do Aleorim. Tel. 51

Como fazer fortuna?

Entrando em arrojadas especulações? **NÃO**
 Explorando industrias problematicas? **NÃO**
 Confiando no acaso ? **NÃO**
 Buscando outras terras ? **NÃO**
 Procurando casamentos ricos . . . ? **NÃO**
 Fazendo versos ? **NÃO**
 Esperando por sapatos de defunto? **NÃO**

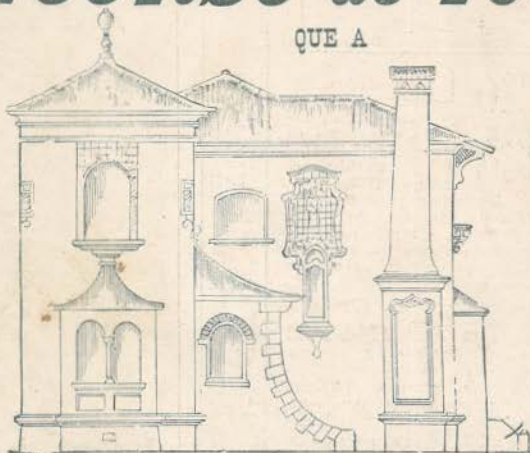
A melhor forma de re-
alisar fortuna sem dispen-
dio, sem esforço e sem
canção, é concorrendo ao

CONCURSO de 1908

400 COUPONS

400 COUPONS

QUE A



400 COUPONS

400 COUPONS

TODOS GARANTE

UM PREMIO

Bastando que dos 1:000 coupons que serão publicados no «SEculo»,
 na «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» e no SUPPLEMENTO HUMORISTICO.

COLLECCIONEM 400

satisfazendo a esta condição: *Apresentar 400 COUPONS, dos que estamos publicando agora, ou sendo parte d'estes e parte dos publicados em 1907, mas collados em cadernetas ou em cadernos separados, a fim de se tornar facil a sua verificação.*